

**CEDI****Povos Indígenas no Brasil**Fonte: O União Class.: 89Data: 29/10/83 Pg.: \_\_\_\_\_

# Polícia caça os 7 criminosos do técnico agrícola

**HILTON GOUVEIA**

A polícia ainda não conseguiu localizar os sete remanescentes potiguara implicados na chacina de Jacaré do Meio, que resultou no assassinato do técnico agrícola Elionai da Silva Freitas, na tarde da última quarta-feira. A vítima, que trabalhava para a Agropastoril Rio Vermelho S/A, do Grupo Lundgreen, foi atingida pelas costas "com objeto cortante, seccionando-lhe o pescoço", segundo informações prestadas pelo delegado de Rio Tinto, tenente Adelino.

Elionai foi morto quando, em companhia de dois soldados, tentava impedir o corte de madeira de lei na reserva florestal da Rio Vermelho, localizada na fronteira com a aldeia potiguara Lagoa Grande, a seis quilômetros do Distrito Riotintense de

Marcação. A polícia, que iniciou o inquérito duas horas após o crime, já aponta como principais suspeitos José "Soares" Gomes de Lima (cacique da aldeia Lagoa Grande), João Marical da Silva, Francisco Flor, José Soares Filho, Manoel Soares, Sebastião Soares dos Santos e um remanescente conhecido por Oliveira.

Ontem, a polícia obteve informações de que os foragidos estavam homiziados na Aldeia São Francisco, em Baía da Traição. O delegado, por sua vez, pediu reforços ao IV Batalhão da PM, em Guarabira, que colocou à sua disposição oito soldados. A medida visa impedir a invasão da cadeia pública por remanescentes potiguara, como insinuavam alguns deles, caso os suspeitos fossem presos. A vítima foi sepultada ontem, acompanhada por grande número de populares. (Página 8).

Foto Ortilo Antonio



Dezenas de populares acompanharam o enterro de Elionai

# Polícia caça índios que mataram técnico



Santana, encarregado de intimar os criminosos. Ao lado, a foice utilizada para degolar Elionai.

HILTON GOUVEIA

Embora continue em diligências, a polícia ainda não localizou os sete remanescentes potiguara implicados na chacina de Jacaré do Meio, que resultou no assassinato do técnico agrícola Elionai da Silva Freitas, na tarde da última quinta-feira.

A vítima, que trabalhava para a Agropastoril Rio Vermelho S.A., do Grupo Lundgreen, foi atingida pelas costas "com um objeto cortante, que seccionou o pescoço a partir do bulbo, atingindo a jugular". Esta observação consta nas informações preliminares levantadas pelo Tenente PM, Adelino, delegado de Rio Tinto, que servirão de base para a emissão do laudo cadavérico.

Ainda agonizante, segundo informações levantadas pela polícia, Elionai recebeu várias perfurações pelo corpo, provocadas por faca-peixeira. Ele foi morto quando, em companhia de dois policiais, tentava impedir o corte de madeira de lei na reserva florestal da Rio Vermelho, localizada na fronteira com a aldeia potiguara Lagoa Grande, a seis quilômetros do Distrito Riointense de Marcação.

Não apareceu ainda, nos relatórios policiais, o autor direto do assassinato. Mas a polícia, que iniciou as investigações duas horas após o crime, já aponta como principais implicados José "Soares" Gomes de Lima (cacique da Aldeia Lagoa Grande, investido no cargo pelo líder potiguara de Baía da Traição, Severino Fernandes), João Marical da Silva, Francisco Flor, José Soares Filho, Manoel Soares, Sebastião Soares dos Santos e um remanescente conhecido apenas por Oliveira.

Todos fugiram após o crime, inclusive observando o cuidado de levarem os documentos e mesmo os retratos de parede. Ontem, quando repórteres e fotógrafos chegavam às aldeias Lagoa Grande e Jacaré do Meio, deparavam-se com dificuldades: os entrevistados falavam por monossílabos e estavam instruídos para confundir, em vez de esclarecer. A esposa de José "Soares" Gomes de Lima por exemplo, raspava mandioca quando recebeu a imprensa e disse que seu marido se encontrava "em visita a familiares". Fingiu ignorar que, no dia anterior, na porta de sua residência, um homem havia sido morto por seu marido e mais seis companheiros.

Atitude igual foi externada pela filha de Francisco Flor, Maria, que assegurou ter visto "um homem morto quando voltava do roçado". Mas não soube explicar se perto do cadáver havia alguém que pudesse ser apontado como cúmplice ou assassino. As casas de dois outros implicados - José Marical da Silva e Sebastião Soares dos Santos, que não moram na aldeia e nem são remanescentes, permaneceram fechadas o dia inteiro, no Distrito de Marcação.

Consta que Elionai, como técnico agrícola da Rio Vermelho, havia marcado uma reunião com seus executores, para disciplinar o corte de madeira na reserva florestal da empresa. A agropastoril interessava preservar a madeira de lei, (espécimes de sucupira, imbiriba, cocão, munguba e bu-

landir) que ainda sobrevive numa área de aproximadamente três mil hectares, do resquício da Mata Atlântica que atravessa os municípios de Rio Tinto e Jacaré. Daí, os remanescentes tiravam esteios, caibros, varas e ripas de qualquer tipo de madeira. O assassinato surgiu desse impasse.

Também contribuiu para a ocorrência da chacina o item que os remanescentes questionam como demarcação da reserva indígena potiguara, ainda não muito claro nos cartórios de registro de imóveis de Mamanguape e Rio Tinto. Os descendentes dos Potiguara acreditam que a reserva florestal da Rio Vermelho inclui-se nos limites de suas terras. Por outro lado, a empresa prova, por documentos, que o setor em questão situa-se no limite da reserva indígena. O litígio não é esclarecido nem por técnicos da Funai, que frequentemente visitam a área portando mapas e equipamentos de topografia.

Os potiguara voltaram a reclamar direitos sobre a reserva florestal de Lagoa Grande e Jacaré do Meio, após a visita do deputado Mário Juruna (PDT-RJ) à aldeia São Francisco, de Baía da Traição, no último mês de setembro. Numa reunião a portas fechadas com o cacique dissidente Severino Fernandes, Juruna deu a entender que o índio deveria lutar pelo que é seu. A partir daí, algumas aldeias se tornaram hostis e, praticando escaramuças arrojadas, chegaram a derrubar muros de residências recém-construídas em Baía da Traição. "Só escapava às depredações quem pagava uma taxa de Cr\$ 30 mil" - observou um funcionário do Banco do Brasil, em Mamanguape, que pediu um off na sua identificação.

A Funai vai tomar medidas sérias. Sou índio mas não autorizei esta chacina, que considero abominável". A comparação é do Cacique oficial da reserva potiguara, Daniel Santana. Ontem, a pedido do Tenente PM Adelino, ele encarregava-se de enviar uma intimação para os executores da chacina se apresentarem espontaneamente à polícia. Santana ignorava, todavia, que o grupo encarregado de assassinar Elionai o acusa de pactuar com posseiros da reserva e que só deve obediência ao cacique dissidente Severino Fernandes - este último respondendo a inquérito na Polícia Federal.

O remanescente não é inimputável, desde que esteja integrado totalmente à sociedade, seja eleitor e considere-se apto a ser votado" - explicou o advogado Aberdan Cotta, que em épocas anteriores presenciou escaramuças dos remanescentes contra o patrimônio da Rio Tinto Tecidos S/A, nos distritos de Grupiúna e Camurupim.

Segundo ele, nenhum dos sete implicados está isento de responder a inquérito policial e/ou cumprir pena por qualquer tipo de delito previsto no Código Penal Brasileiro. "Este delito é passível de cadeia até para os índios não aculturados" - argumentou.

Daí surgiu a precaução do Delegado de Rio Tinto que, pensando em prender os criminosos nas próximas 72 horas, pediu reforços ao IV Batalhão PM de Guarabira, que colocou à sua disposição oito soldados.



Maria: viu o cadáver mas não sei dizer quem é o assassino